

FILMES E O APRENDIZADO HISTÓRICO: APONTAMENTOS SOBRE A FORMAÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO A PARTIR DO FILME “A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS”¹

Rebecca Caroline Moraes da Silva²
Heloisa Pires Fazion³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o filme “A menina que roubava livros” enquanto comunicador e formador de cultura histórica. Com esta finalidade, foi feito um estudo de como trabalhar com filmes na ciência histórica a partir de autores renomados como Jacques Le Goff (1996), Napolitano (2011), Rosenstone (2010) e Kornis (1992). Também foi feita uma análise comparativa com a historiografia de âmbito acadêmico com autores, por exemplo, como Stackelberg (2002) e Goldhagen (1997) e também com o conteúdo de âmbito público, como livros didáticos e sites de pesquisa de amplo acesso. Além disso, a análise do discurso da bibliografia e da fonte analisada foi ferramenta fundamental. De acordo com a análise realizada, o filme é um bom formador de cultura histórica complementar, visto que ele traz informações que não são ministradas pelos livros didáticos e sites de pesquisa de acesso a um público leigo, tendo amparo na historiografia. Como conclusão, enfatizamos o potencial educativo deste filme analisado como fonte histórica a ser trabalhada em sala de aula.

Palavras-chave: Filmes históricos. Educação Histórica. Comunicação. Análise fílmica.

1. INTRODUÇÃO

A revolução documental, o surgimento do computador e a possibilidade de novas abordagens historiográficas chegaram de fato no século XX e é interessante pensar que a monumentalização dos documentos, como propõe Le Goff (1996), também pode ser aplicada aos filmes. Como diz este autor, os monumentos têm uma característica intrínseca de se perpetuarem no tempo voluntária ou involuntariamente, elaborando inconscientemente uma roupagem de sua sociedade em determinado tempo. Seguindo a ideia de Paul Zumthor (*apud* LE GOFF, 1996), em relação aos monumentos linguísticos, os filmes são monumentos pois possuem caráter de edificação em ambos os sentidos - aprimoramento moral e construção de

1 Trabalho inscrito para o GT Comunicação e Educação, do VII Encontro de Pesquisa em Comunicação – ENPECOM.

² Graduando História, Universidade Estadual de Londrina, becca.carolline@gmail.com.

³ Graduando História, Universidade Estadual de Londrina, heloisafazion@gmail.com.

um edifício -, o primeiro porque cada amostra da sétima arte traz em sua complexa composição elementos que fazem com que o espectador se identifique com as personagens e condutas morais apresentadas, e o segundo em sentido alegórico, ou seja, construção de um edifício sólido e firme, para que permaneça por muito tempo em pé e venha a ser conhecido por muitas pessoas.

Nos filmes históricos essa essência de documento/monumento se amplifica pelo grande número de pessoas que assistem a eles; assim, o que um filme diz de um determinado momento histórico pode muitas vezes se tornar a verdade histórica, as pessoas podem creditar ao filme suas referências históricas, desconsiderando as construções e metáforas nele presentes. Estas interpretações podem ser agravadas nos casos em que, por interesses pessoais do poder que se utiliza deste meio, há distorção proposital dos fatos, na má intenção de se passar como verdade. Nesses casos, cabe ao historiador analisar e, se for o caso, desmistificar. Os documentos/monumentos apontados por Le Goff (1996), conceito que também se aplica aos filmes, não são meros vestígios aleatórios do passado: são produtos de uma sociedade, fabricados de acordo com as relações de poder existentes na época, produzindo uma montagem da história, que pode ser consciente ou inconsciente.

"O cinema é um dos mais poderosos instrumentos contemporâneos de monumentalização do passado, na medida em que pode fazer dele um espetáculo em si mesmo, com eventos, personagens, processos encenados de maneira valorativa, laudatória e melodramática" (NAPOLITANO, 2011, p. 276).

Rosenstone (2010) considera que os filmes históricos são semelhantes à escrita do historiador e, pode-se acrescentar, também semelhantes aos documentos/monumentos propostos por Le Goff (1996), pois todos representam o passado, mas sem ser a verdade. Ao mesmo tempo, Rosentone (2010) defende que a historiografia deve estar com os olhos voltados a esse cinema histórico, pois este chega a muitas casas pela televisão. Em nossa cultura atualmente, o audiovisual é muito valorizado e os filmes estão em todas as programações das redes televisivas e também acessíveis por meio da internet. Além disso, o autor lembra que "os filmes históricos, mesmo quando sabemos que são representações fantasiosas ou ideológicas, afetam a maneira como vemos o passado" (ROSENSTONE, 2010, p. 18). Sorlin (*apud* NAPOLITANO, 2011) destaca que o filme histórico carrega consigo a cultura histórica de uma sociedade, de modo que, quando é veiculado nos cinemas e também pela televisão, dissemina essa cultura.

Na mesma toada, Kornis (1992) enuncia que Marc Ferro também caminha neste sentido, pois, como Ferro considera o filme como um agente da história, sua representação

pode servir “à doutrinação ou à glorificação [...] pode ser também um agente de conscientização” (KORNIS, 1992, p. 244), ou seja, possui um caráter de testemunha involuntária de um momento histórico. Cláudio Aguiar Almeida (*apud* NAPOLITANO, 2011) também dá suporte a esse discurso, dizendo que, independentemente da qualidade estética de um filme ou de seu reconhecimento por estes valores, o público pode identificá-lo como uma ‘verdade histórica’. No mesmo sentido, Pierre Sorlin propõe que os filmes históricos são formas diferentes de “saber histórico de base”, que não são criados por eles, mas sim reproduzidos e reforçados (cf. NAPOLITANO, 2011, p. 246).

2. CARACTERIZAÇÃO DO MATERIAL

Pensando neste sentido, os filmes têm relação direta com o aprendizado histórico, ou seja, na construção de uma cultura histórica. Eles fazem parte da formação de saberes prévios dos alunos, fazem parte da bagagem cultural que eles levam para sala de aula, de maneira que isso não pode ser desprezado. Deve-se lembrar que, em sala, a intenção não é utilizar o filme como ilustração da História, ou espelho do real, mas o papel do professor é de problematizar as narrativas para formar cidadãos críticos.

A História está presente no cinema de várias maneiras, de modo que pode-se pensar que todos os filmes podem ser analisados por uma abordagem histórica. Todo filme, quando o assistido, traz aprendizado ao espectador, pois, de alguma forma, o conteúdo foi por ele sintetizado e novas ligações cognitivas se estabeleceram. Os filmes que trazem temas históricos, ainda que tenham enredos ficcionais, são mais óbvios de se trabalhar historicamente e de mais fácil visualização do conteúdo histórico que gera aprendizado.

De forma geral, os filmes que se relacionam com a História por seus temas que remetem ao passado, construindo uma linha de pensamento sobre tal. Essa construção, esse caminho seguido, faz com que o espectador chegue a determinado ponto, reforçando ou refutando os conhecimentos que ele já tinha sobre o assunto.

“A presença de modelos históricos produzidos pelo cinema é interessante no sentido de compreender como a cultura histórica se faz presente, e opera na consciência histórica dos sujeitos, interferindo de forma importante na didática da história. Pensar na relação entre sociedade e cinema, e mais especificamente no olhar histórico que a sociedade constrói a partir dos filmes históricos, trata-se de um campo de reflexão importante, quando se parte do pressuposto que o conhecimento histórico é um agente indutor de identidades e orientador da práxis dos indivíduos” (RÜSEN, 2007, *apud* SOUZA, 2012, p. 76)

O material escolhido para a produção deste trabalho foi o filme “A Menina que Roubava Livros”. Antes de apresentá-lo detalhadamente, é importante destacar que o mesmo é uma adaptação do livro que possui o mesmo título, o qual foi escrito por Markus Zusak no ano de 2007 e traduzido para o português por Vera Ribeiro. Com relação ao filme, foi dirigido pelo britânico Brian Percival no ano de 2013 e possui duração de 2h 11min. A história contada se passa na Alemanha Nazista durante o período da Segunda Guerra Mundial e tem como personagem principal uma menina chamada Liesel Meminger cuja mãe era comunista. Diante do anti-comunismo fortemente presente naquela época, a mãe de Liesel resolve enviá-la, juntamente com seu irmão, para um subúrbio pobre de uma cidade alemã, onde um casal, chamado Hans Hubermann e Rosa Hubermann, se dispõe a adotá-los por dinheiro. Contudo, o menino acaba morrendo no trajeto e é exatamente neste momento do filme que podemos perceber quem narrará toda a estória: a morte. A morte acompanha os passos de Liesel entre os anos de 1939 e 1943 e está presente no decorrer de todo o filme até por causa do período retratado, um período de sangrentos combates. Liesel Meminger começa a se interessar pela leitura quando o coveiro que celebrou o enterro de seu irmão, deixa cair um livro na neve; a menina então se aproxima e sem ninguém perceber apanha o livro para si. Ao chegar na casa de seus pais adotivos Liesel sente uma sensação de estranheza e desconforto e somente após vários dias a menina começa a adaptar-se em seu novo lar. É importante ressaltar que ao pegar sem permissão o livro do coveiro Liesel ainda não sabia ler, então é alfabetizada em sua nova casa com a ajuda de seus pais adotivos. Após alguns dias convivendo na Rua Paraíso a menina faz amizade com um jovem chamado Rudy que acaba sendo obrigado a integrar a Juventude Hitlerista. Outro personagem presente na trama é o judeu - Max Vanderbug - que o pai adotivo de Liesel esconde em seu porão. Quando a menina conhece Max um laço de cumplicidade é traçado; Liesel passa a ler com Max todos os dias. Numa noite, durante uma celebração que exalta o nazismo, Liesel observa com espanto a devoção à Adolf Hitler e a intensa queima de livros. Quando a celebração acaba a menina acaba indo perto da fogueira e consegue recuperar dois livros que foram apenas parcialmente queimados e rapidamente os esconde no casaco; entretanto, Liesel não percebeu que a mulher do prefeito da cidade a observava cuidadosamente. Numa manhã fria, Rosa pede para a filha levar algumas roupas passadas até a casa do prefeito e é lá que a menina é convidada pela mulher do prefeito para ler livros dos mais diferentes assuntos. É importante destacar que a menina apenas poderia ler estes livros na biblioteca que ficava no piso inferior da casa do prefeito, entretanto, quando houve a decisão de que os livros que não agradassem ao regime nazista fossem queimados, o

prefeito acaba proibindo a visita de Liesel, então ela começa a “roubar” livros e levando para casa, a fim de compartilhar a leitura com seu amigo judeu.

É importante destacar que o recurso didático escolhido se insere em dois domínios da História: no social e no cultural. Antes de explicitar o porquê disto, é necessário demonstrar um pouco da trajetória de origem destes dois campos. No livro “Domínios da História” (2ª edição) publicado em 2011, que possui como organizadores Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas, são destacados textos que apresentam os diferentes tipos de História. Nos textos referentes à História Social e à História Cultural, escritos respectivamente por Hebe Castro e Ronaldo Vainfas, é destacado que foi a partir de Marc Bloch e Lucien Febvre, na Escola dos Annales, que temas considerados secundários pela historiografia oficial começaram a surgir. De acordo com Ronaldo Vainfas (2011),

“Contra a tal história historicizante, Febvre e Bloch opunham uma assim chamada história nova, uma história problematizadora do social, preocupada com as massas anônimas, seus modos de viver, sentir e pensar. [...]. Uma história preocupada, enfim, não com a apologia de príncipes ou generais em feitos singulares, senão com a sociedade global, e com a reconstrução dos fatos em série passível de compreensão e explicação” (CARDOSO; VAINFAS, 2011, p. 120).

Desse modo o material didático abordado se insere, primeiramente, no campo da história social porque lida com a sociedade em geral, destacando a história das massas. O filme não apresenta, por exemplo, a trajetória de um grande personagem, mas sim pessoas comuns e o modo como estas vivem individual e coletivamente. No que se refere à história cultural nota-se que no filme são destacados fatos corriqueiros do cotidiano, como os modos de se portar e fazer. Vale ressaltar que a História Social e a História Cultural se inter-relacionam, pois o estudioso tematiza a cultura compreendendo o período social no qual ela se insere.

3. ANÁLISE FRENTE À HISTORIOGRAFIA SELECIONADA

No filme exposto pode-se perceber três temas centrais. São eles: o antissemitismo, o anticomunismo e as práticas de leitura na Alemanha nazista. Se compararmos as produções historiográficas que se tem a respeito destes temas, pode-se notar que alguns convergem e são apresentados em ambos, enquanto que em alguns momentos temas apresentados nas produções historiográficas recentes não são apresentados no filme.

No livro “A Alemanha de Hitler – origens, interpretações e legados” o autor, Roderick Stackelberg, resalta a principal causa do anti-semitismo: a ideia de que o judaísmo

era uma religião que preocupava-se excessivamente com os bens materiais, tornando os judeus um povo materialista. Assim, ser um alemão autêntico envolvia o compromisso com o idealismo e a rejeição do materialismo “judaico” (STACKELBERG, 2002, p. 73). Além dessa preocupação, os alemães também tinham medo de que os judeus pudessem vir a ocupar importantes cargos políticos e econômicos, e com isto, prejudicar futuramente o país.

Tendo em vista isto é necessário destacar que os judeus sofreram intensas represálias durante o período nazista, de maneira que “as disposições anti-semitas do programa nazista foram convertidas em lei” (STACKELBERG, 2002, p. 203). Dessa maneira, de acordo com Roderick Stackelberg, os judeus foram proibidos, por exemplo, de adquirir terras agrícolas, os estudantes judeus de direito e medicina foram impedidos de exercer suas profissões, os dentistas e médicos judeus foram impossibilitados de atender seus clientes por meio do sistema nacional de saúde, professores judeus não podiam dar aulas a alunos não judeus. A restrição anti-semita, que pode ser considerada como uma das mais expressivas, deu-se quando em 1938 os judeus foram obrigados a deixar a Alemanha, de modo que os que lá permanecessem deveriam se identificar para mais tarde sofrer o processo de segregação.

Observa-se que no filme as causas e implicações do anti-semitismo são retratadas implicitamente, ou seja, só é percebida se o espectador estiver pensando sobre o filme a que está assistindo. É importante destacar que, tanto o filme quando as produções historiográficas, convergem no ponto do papel exercido por Adolf Hitler neste período. No filme, quando Leisel conhece Max - o judeu que fica escondido no porão-, ele logo declara que está ali porque Hitler quer prendê-lo, assim como fez com toda sua família. Portanto, quando nos deparamos com o livro “Os Carrascos Voluntários de Hitler: o povo alemão e o Holocausto”, Daniel Jonah Goldhagen deixa claro que “pode-se dizer, a respeito da trajetória global da perseguição e assassinato aos judeus por parte dos alemães, que Hitler era a principal força atuante por trás da política antijudaica” (GOLDHAGEN, 1997, p. 149).

Logo na primeira cena o filme deixa claro o aspecto anti-comunista. Se compararmos as características anti-comunistas transmitidas no filme logo percebe-se que estão ligadas ao ideal proposto por Hitler. No “Mein Kampf”, traduzido para o português como “Minha Luta”, Hitler alega que “em um tempo em que os melhores elementos da nação morriam no front, os que ficaram em casa, entregues aos seus trabalhos, deviam ter livrado a nação dessa piolharia comunista” (HITLER, 1925, p. 160). Assim tanto no filme quando nos ideais de Adolf Hitler, os comunistas eram indivíduos miseráveis, pobres e que deveriam ser eliminados. O filme reforça essa ideia que se tem a respeito dos comunistas naquela época,

tanto que Lieses só está naquele espaço porque seus pais a enviaram para protegê-la dos ataques anticomunistas, visto que eles compartilhavam deste pensamento político.

No que se refere ao último tópico, denominado práticas de leitura, nota-se que o filme representa de maneira explícita a queima dos livros que foram proibidos no período nazista. De acordo com Fernando Baez (2004) “os principais destruidores de livros sempre tiveram como maior motivação o desejo de aniquilar o pensamento livre. Os conquistadores atribuíam à queima da biblioteca do inimigo a consagração de sua vitória” (BAEZ, 2004, prólogo). A queima de livros tinha como objetivo acabar com as ideias contrárias ao regime, impedindo que indivíduos viessem a ter ideias subversivas.

Tendo isso em vista, o filme apresenta alguns aspectos que se aproximam das ideias expostas pelas produções historiográficas, entretanto, ao apresentar estes aspectos acaba trabalhando-os de maneira rasa e acrítica, de maneira que a proposta de se utilizar um filme como fonte histórica é exatamente o oposto, pois o mesmo deve ser analisado de maneira detalhada e por meio de diferentes interrogações.

4. ANÁLISE FRENTE AOS LIVROS DIDÁTICOS E SITES DE PESQUISA ACESSÍVEIS A UM PÚBLICO COMUM

Como exposto, a temática do filme vai ao encontro das pesquisas historiográficas e, neste sentido, é interessante pensar na acessibilidade desses conteúdos aos leigos, ou seja, como as pessoas que não pesquisam o assunto podem encontrar as referências históricas narradas no filme e sintetizar seu aprendizado e transformar este num conhecimento histórico. Os instrumentos mais comuns para essas pessoas são os livros didáticos e os sites de pesquisas escolares, por isso far-se-á uma breve análise dos conteúdos que aparecem no filme em dois livros didáticos aceitos pelos Parâmetros Nacionais do Livro Didático em 2015 e em dois sites de pesquisas escolares.

Os livros escolhidos foram “História, volume 3”, de José Geraldo Vinci de Moraes e “História para Ensino Médio, volume 3” de Marcos Napolitano e Mariana Villaça. No primeiro, o temas do filme são tratados de maneira geral: fala-se brevemente sobre a lei racial que considerava judeus uma raça inferior e foram perseguidos e expulsos dos cargos públicos. Também fala que a propaganda oficial nazista reforçava a superioridade da raça ariana e, por ela, judeus e comunistas era inimigos em comum dos cidadãos alemães; as práticas de leitura e a queima de livros não apareceram. O segundo livro fala de uma valorização da raça ariana e da perseguição sistemática a tudo que pudesse ser associado a judeus e que as milícias do

governo realizavam atentados contra políticos de esquerda, líderes sindicais e reprimiam violentamente as grever operárias – eram considerados fundamentais para vencer as batalhas contra os comunistas. Ainda neste livro, há um tópico específico que versa sobre o antissemitismo, abordando um brevíssimo histórico do antissemitismo na Europa e sobre o agravamento dele em função de um nacionalismo racista e xenófobo no século XIX; aborda também que, segundo a propaganda nazista, o judeu era apátrida, traidor, manipulador do capital internacional e aliado potencial do bolchevismo, inferior racialmente e, por isso, os judeus sofreram perseguições, violências cotidianas e restrições na ocupação de cargos públicos. Em 1935 foi promulgada uma lei que oficializou a segregação, pois proibia o convívio profissional, matrimonial e social entre alemães e judeus.

Os sites de pesquisas escolares escolhidos foram o “suapesquisa.com” e o “infoescola.com”. Como verificado, esses sites não trazem muitas informações sobre as práticas de leitura na Alemanha Nazista, mas versam sobre o anticomunismo e o antissemitismo nazista, práticas que também são referenciadas no filme em questão. Falam principalmente sobre a visão de que os comunistas e os judeus eram os responsáveis pelos problemas econômicos e sociais da época e também que eram inferiores racialmente e, por isso, deviam ser eliminados para que, desta forma, o orgulho alemão pudesse ser restaurado. No verbete sobre nazismo do site Infoescola, faz-se uma referência ao recrutamento de jovens para o exército, como aparece no filme, quando Rudy, amigo de Liesel, é convocado para ir.

Como esses sites não versam sobre as práticas de leitura, foi feita uma rápida pesquisa para ver se algum site de fácil acesso traria informações sobre este assunto. Dois sites rapidamente trouxeram questões sobre a queima de livros no nazismo: o primeiro site é o “jurisway.org.br”, que é um site de conteúdo jurídico, direcionado a cidadãos em geral para que adentrem ao mundo legal, ao mesmo tempo em que há conteúdo para estudantes de Direito e profissionais da área; o segundo site é o “ushmm.org” que é o site do Museu Memorial do Holocausto, situado nos Estados Unidos, que traz uma série de conteúdos em várias línguas para quem quer informações sobre o extermínio em massa dos nazistas. Juntos, esses sites trazem as informações de que foi na primavera do ano de 1933 que organizações estudantis, professores e bibliotecários nazistas elaboraram uma lista dos livros que seriam impróprio à leitura dos alemães por terem sido escrito por não-alemães ou por irem contra o pensamento político do poder. A partir dos dados desta lista, os nazistas foram às bibliotecas e também às livrarias para retirar esses livros e, em 10 de maio daquele ano, atearam fogo neles. A partir daí, o Estado é que regulava o que poderia ou não ser lido pelos alemães.

5. CONCLUSÃO

Assim, levando em consideração a relação feita com produções historiográficas e também a relação com o conhecimento histórico acessível pelos sujeitos em geral, pode-se perceber que ao assistir ao filme “A menina que roubava livros”, os espectadores podem ter acesso a informações sobre o cotidiano de uma cidade alemã, envolvido nas perseguições a comunistas e a judeus e também informações breves sobre a queima de livros proibidos pelo regime nazista - vale ressaltar que a brevidade destas também se baseia na curta produção bibliográfica disponível para consulta, como percebido no processo desta pesquisa. Como o filme retrata o período do nazismo alemão a partir da história de uma família comum, o anticomunismo e o antissemitismo são implícitos à narrativa, com poucas partes em que pode-se ver estes temas explicitamente. A queima de livros e a proibição da leitura por parte de Liesel mostra como as práticas de leitura eram consideradas perigosas.

De maneira geral, este filme participa da formação de um conhecimento histórico, entretanto para que isto se realize é importante que o espectador já tenha uma base sobre o assunto. O filme não é factual, portanto não há como saber do que se trata exatamente se não conhecer o contexto da Segunda Guerra Mundial e do domínio nazista na Alemanha.

O uso de filmes nas escolas está cada vez mais constante. Além de auxiliar o professor na elaboração e aplicação de suas aulas, o filme possibilita também que os alunos compreendam e interpretem acontecimentos históricos de maneira mais lúdica e inteligível. De acordo com Éder Cristiano de Souza (2012)

“Um conceito tradicional quando se trata de pensar no trabalho com filmes em aulas de história consiste na ideia de que a aprendizagem do conteúdo histórico pode ser facilitada, melhor apreendida por parte dos alunos, enquanto as aulas se tornariam mais atraentes e dinâmicas, quando há exibição de uma película em sala de aula” (SOUZA, 2012, p. 78).

Apesar de ser considerado um facilitador para que o aluno desenvolva uma aprendizagem significativa, é importante ressaltar que num filme diferentes ideias e concepções são perpetradas e, tendo em vista isto, o mesmo não pode ser trabalhado de forma apática e acrítica. Assim, ao trabalhar trechos ou filmes inteiros no ambiente escolar, o educador precisa levar em consideração que alguns procedimentos metodológicos devem ser adotados. Sendo histórico ou não o que se propõe é “dissecar o filme, elaborar uma análise de forma a tratá-lo como produto de uma época, como fonte de dados e representações” (SOUZA, 2012, p. 81).

O filme, portanto, deve ser tratado como uma fonte histórica que necessita de questionamentos - nesse caso, por parte de professores e alunos -, pois só assim

proporcionará conhecimentos e informações acerca de um determinado assunto. Lilian Moritz Schwarcz, na apresentação do livro de Marc Bloch intitulado “Apologia da História ou o ofício do historiador”, ressalta que “segundo Bloch, mesmo o mais claro e complacente dos documentos não fala senão quando se sabe interrogá-lo. É a pergunta que fazemos que condiciona a análise” (BLOCH, 2001, p. 08). Dessa maneira, o estudioso precisa apresentar um método de análise à fonte, elaborando também questionamentos, pois “são as questões que condicionam o objeto e não o oposto” (BLOCH, 2001, p. 08). Portanto, ao trabalhar um filme em sala de aula, professores devem instigar seus alunos a elaborarem perguntas ao mesmo, tais como: Quando foi produzido? Por quem foi produzido? Qual a época retratada? Quais são as vestimentas utilizadas? Qual o fato histórico representado?

Por fim, é importante destacar que na sala de aula o professor é o mediador, aquele que irá direcionar os alunos a um questionamento reflexivo. O filme, portanto, não pode ser considerado apenas uma ilustração, devendo ser trabalhado como uma fonte histórica, passível de diferentes questionamentos e interpretações.

6. REFERÊNCIAS

SITES CONSULTADOS NA PESQUISA

<http://www.suapesquisa.com/historia/nazi-fascismo.htm>

<http://www.suapesquisa.com/segundaguerra>

<http://www.infoescola.com/historia/nazismo/>

<http://www.infoescola.com/politica/doutrina-nazista/>

<http://www.infoescola.com/filosofia/anti-semitismo/>

http://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id_dh=6863

<http://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007677>

BIBLIOGRAFIA

A MENINA que roubava livros. Direção: Brian Percival. Roteiro: Markus Zusak. EUA: Fox Filmes, 2013. DVD (2h11min).

BÁEZ, Fernando. **História Universal da destruição dos livros:** das tábuas sumérias à guerra do Iraque. Tradução Léo Schlafman. Editora Ediouro, 2004.

- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- GOLDHAGEN, Daniel Jonah. **Os carrascos voluntários de Hitler**: o povo alemão e o Holocausto. Tradução Luís Sérgio Roizman - São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- HITLER, Adolf. **Mein Kampf/ Minha luta**. 1925.
- MORAES, José Geraldo Vinci de. **História** / José Geraldo Vinci de Moraes; ilustrações Cesar Stati. Curitiba: Positivo, 2013, v. 3.
- NAPOLITANO, Marcos. **Fontes Audiovisuais**: a História depois do papel. In: PINSKY, Carla (org.); et al. **Fontes Históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- NAPOLITANO, Marcos. **História para o ensino médio**: volume 3 / Marcos Napolitano, Mariana Villaça. 1.ed. São Paulo: Saraiva, 2013.
- KORNIS, Mônica Almeida. **História e Cinema**: um debate metodológico. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p237-250.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In:_____. **História e Memória**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996.
- ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes, os filmes na história**. Tradução de Marcello Lino. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler**: origens, interpretações, legados. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Imago Ed. 2002. 412pp.
- SOUZA, Éder Cristiano. O uso do cinema do ensino de história: propostas recorrentes, dimensões teóricas e perspectivas da educação histórica. In: **Revista Escritas**, v. 4, 2002, p. 70-93. Disponível em <<http://revistahistoriauft.files.wordpress.com/2013/02/artigo25.pdf>>. Acesso em 31 de julho de 2015.